



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 62

Garrafas ao mar

Branca Vianna: Na vida, a gente tá sempre deixando pedaços pelo caminho. Literalmente, né, porque a gente tá sempre soltando células mortas nas roupas, largando fios de cabelo por aí... DNA na saliva que fica no canudinho, impressões digitais em tudo que a gente pega.

Mas a gente também vai deixando outras pistas. Por exemplo: marcas que a gente deixa dentro de um livro. Quando eu compro um livro velho num sebo, ou quando eu pego um livro numa biblioteca, eu adoro encontrar qualquer coisa dentro, até aquela fichinha de antigamente que marcava quem pegou o livro antes da gente, há quanto tempo, se atrasou a devolução pra biblioteca. Qualquer coisa que conte um pouquinho da vida da pessoa que leu aquele livro antes de mim.

E eu descobri recentemente que vários sebos e várias bibliotecas têm uma seção dedicada a esses "achadinhos" dentro dos livros. Vários até publicam esses achados no instagram ou no site da biblioteca. Eu passei um tempo aqui olhando, e não é só nota fiscal e bula de remédio, não! Tem cartão postal, tem foto, tem cartinhas variadas... tem flores secas, mecha de cabelo... eu vi até um peixinho petrificado!

Não dá pra saber direito o que que foi parar ali por acaso – por alguém que só catou a primeira coisa que tava na frente quando precisou parar a ler, ou o que que foi colocado ali de propósito. Mas não importa. O resultado é sempre o mesmo: uma garrafa jogada ao mar. A mensagem pode ser intencional ou não. Alguém pode ou não encontrar a garrafa. O episódio dessa semana traz duas garrafas que foram jogadas ao mar – e foram encontradas. E quem abre a primeira delas é a Bárbara Rubira.

Bárbara Rubira: Bom, pra ser precisa, essa garrafa já chegou aberta aqui na minha mão. Quem abriu foi o Bruno.

Bruno Azevêdo: Meu nome é Bruno Azevêdo, eu sou de São Luís do Maranhão, tenho 43 anos. Sou escritor e historiador de formação. Eu escrevo e edito livros já há um bocado de tempo.

Bárbara Rubira: E você é um cara dos livros.

Bruno Azevêdo: Eu sou um cara de livros, sim. É engraçado isso porque... eu penso a forma livro, né, o tempo todo, para praticamente tudo.

Bárbara Rubira: Essa história que o Bruno trouxe pra gente tem justamente a ver com livros.

Bruno Azevêdo: Eu já contei essa história tantas vezes, Bárbara... Porque eu passei um momento muito obsessivo... muito obcecado, na real. Mas vamos lá! Em 2000 e... finalzinho de 2012, comezinho de 2013, eu fui ao Rio de férias.

Bárbara Rubira: O Bruno saiu de São Luís e foi pro Rio de Janeiro pra visitar um amigo, o Gabriel. E, de lá, ele e os companheiros de viagem decidiram aproveitar pra dar um pulo em Petrópolis, na região serrana do Rio.

Bruno Azevêdo: Fomos dar uma folga pro Gabriel, passar uns dias em Petrópolis, ver qual era, e voltar. Eu não posso ir numa cidade sem ir no

sebo. Eu acho que o sebo diz da cidade, o sebo diz da história do conhecimento acumulado que aquela cidade tem e fez circular entre seus cidadãos. Então um sebo me diz muita coisa que eventualmente um museu, talvez, pro meu olhar, não diga.

Bárbara Rubira: Bruno, um cara dos livros.

Bruno Azevêdo: E eu saí daquele sebo no dia com três livros. Por incrível que pareça.

Bárbara Rubira: Por incrível que pareça, porque normalmente você sai com mais?

Bruno Azevêdo: Geralmente saio com mais, três foi pouco. Três foi realmente pouco. Mas enfim, saí... Lembro claramente que eu saí com três livros: um livro que era um livro que tinha um artigo sobre cachaça, que é um assunto que muito me interessa. "A chegada em Darkover", da Marion Zimmer Bradley, que é um livro lindo de ficção científica. Esse eu li imediatamente.

Bárbara Rubira: Três livros: um sobre cachaça, um de ficção científica...

Bruno Azevêdo: E "A Mulher Desiludida", que é um livro da Beauvoir.

Bárbara Rubira: Simone de Beauvoir, a escritora francesa. Aquela mesma que escreveu "O Segundo Sexo", uma das obras mais importantes do movimento feminista. "A mulher desiludida" é um livro de ficção dela, que foi publicado quase 20 anos mais tarde, em 1967.

Bruno Azevêdo: Não sei se já leu "A Mulher Desiludida"?

Bárbara Rubira: Bom, se você já leu, ótimo. Mas se você não leu "A mulher desiludida", também não tem problema, porque a gente vai te contar mais ou menos do que se trata. Se você é do tipo de pessoa que odeia spoiler... Desculpa. Mas eu duvido que qualquer coisa que a gente fale aqui estrague o seu prazer da leitura. E eu me comprometo a poupar os detalhes.

Bruno Azevêdo: "A Mulher Desiludida" é um livro que tem três histórias, certo? São três histórias contadas por três mulheres que estão num processo fulcral da vida. Elas estão resolvendo coisas que são muito importantes pra elas, e coisas muito ruins, que lidam com perda, com separação e tudo mais.

Bárbara Rubira: As três histórias do livro têm uma coisa em comum: elas são protagonizadas por mulheres lidando com a passagem do tempo, com o próprio envelhecimento, e com o desgaste das relações.

A própria Simone de Beauvoir tava prestes a completar 60 anos quando o livro foi publicado. Então, dá pra imaginar que as histórias têm pelo menos um fundinho autobiográfico.

A primeira história do livro se chama "A idade da discricção". E é sobre uma mulher, uma grande intelectual, com uma carreira de sucesso, que é casada e mãe de um filho. Aos 60 anos, ela se vê sozinha e insegura. E passa a se sentir muito distante do marido e do filho, que decide não seguir na carreira acadêmica que ela sonhou pra ele a vida toda.

A segunda história se chama "Monólogo". E o título é bem apropriado, porque ela é escrita assim mesmo, quase como um fluxo de consciência da personagem: uma mulher bastante sozinha, e sofrendo com o luto da perda da filha, que se suicidou.

A terceira história é a que dá nome ao livro: "A mulher desiludida".

Bruno Azevêdo: "A mulher desiludida" é a história de uma mulher que tá sendo abandonada pelo marido. É uma mulher de 40 anos, que tem duas filhas, cujo marido é um pesquisador, um médico pesquisador. E ela foi dona de casa a vida inteira. Dedicou a vida inteira a esse projeto, né, projeto de outra pessoa, no fim das contas, né?

Bárbara Rubira: A "mulher desiludida" — a personagem-título — se chama Monique. E a história é escrita como se fosse um diário dela. As duas filhas, que a

Monique dedicou a vida a criar, já tão adultas, crescidas, saíram de casa: uma casou, e outra foi estudar no exterior.

O marido dela, o Maurice, trabalha muito. Viaja, passa tempo longe... E, um dia, ele conta pra ela que tá tendo um caso com outra. A Monique, que dedicou a vida toda a cuidar dos outros — das filhas, do marido, de amigos e parentes... — de repente tá desamparada. Abandonada. Desiludida.

O livro que o Bruno comprou em Petrópolis era uma edição antiga, de 1986, com tradução da Helena Silveira e da Maryan A. Bon Barbosa. O exemplar tava claramente usado – quer dizer: dava pra ver que alguém já tinha lido ele antes... E não custou caro.

Bruno Azevêdo: Comprei o livro por míseros 8 reais e botei na bagagem. Vivemos o resto da viagem, voltamos pra São Luís...

Bárbara Rubira: Primeiro o Bruno leu o livro de ficção científica, depois o que tinha o tal artigo sobre a cachaça... e o livro da Beauvoir ficou um ano encostado. Quando ele finalmente abriu o livro, ele reparou numa coisa, logo na folha de rosto:

Bruno Azevêdo: Tinha: "Alice. Maio de 87. Petrópolis".

Bárbara Rubira: Um nome: Alice; uma data: maio de 1987; e um lugar: Petrópolis.

Bruno Azevêdo: E eu comecei a folhear aquele troço. E aí vi, frontispício da primeira história... Nada. Chego na folha de abertura da segunda história: ok. E aí eu vou ver a terceira, e lá na terceira tá igualzinho a folha de rosto: "Alice, maio de 1987, Petrópolis". Eu disse: "Hum, essa mulher só leu isso aqui".

Bárbara Rubira: A tal Alice só tinha deixado a marca dela na última história — aquela que dá título ao livro.

Bruno Azevêdo: Lá, depois de umas 40 páginas, eu começo a encontrar uns rabiscos. Discretos. Sabe aquela pessoa que lê...

Bárbara Rubira: Só na terceira história?

Bruno Azevêdo: Só na terceira história! Eu nunca li as duas primeiras. E a partir daí eu me toquei que eu estava lendo dois livros. Porque essa mulher que lê o livro em 87 tinha 40 anos, e tava passando exatamente pela mesma coisa da protagonista do romance.

Bárbara Rubira: O Bruno decidiu então que ele não ia ler o livro da Beauvoir. Ele ia ler o livro da Alice.

Bruno Azevêdo: Quem compra livro de sebo sabe que tá comprando pelo menos dois livros, né? A beleza do negócio é justamente o leitor que veio antes, é quem teve uma relação com aquilo.

Bárbara Rubira: O Bruno pulou as duas primeiras histórias, seguindo os passos da Alice. Ele foi acompanhando a história da protagonista da Beauvoir, a Monique... mas principalmente da Alice, a antiga dona do livro.

Bruno Azevêdo: Lá pela página 40 do livro tem um trecho que está sublinhado. "Nós demonstrávamos que um amor pode durar sem diminuir. Quantas vezes me vi campeã da felicidade integral? Em migalhas, um casal exemplar". E aí, algumas coisas ela dizia: "Sim, é isso mesmo! Não!" Outra coisa, diz: "Todos abandonam a gente!" E ela fazia aquilo com raiva. Tem páginas do livro que são furadas, sabe? Porque ela cada vez mais vai entrando na narrativa, e fazendo perguntas. Ela conversa com a Beauvoir, ela conversa a protagonista do livro, porque ela na verdade está tendo uma conversa com ela que ela só teve naquele momento.

À medida que a leitura ia seguindo, ela ia interagindo cada vez mais. E a leitura dela ficava cada vez mais visceral mesmo. Ela rasurava o livro, riscava o livro, acrescentava trechos ao livro, excluía trechos do livro.... E eu fiquei: "Meu Deus, o que que estava acontecendo com essa mulher?" E à medida que eu ia lendo, o resto do mundo ia ficando menos importante, porque eu queria saber do que aconteceu com o livro da Beauvoir, mas eu queria saber

o que aconteceu com aquela mulher chamada Alice, que em 1987 tinha 40 anos e foi abandonada pelo marido.

Bárbara Rubira: A verdadeira protagonista do seu livro era a Alice.

Bruno Azevêdo: A verdadeira protagonista do meu livro é a Alice. Exato.

Bárbara Rubira: O Bruno chegou no final do livro totalmente fissurado pela história da protagonista. Da protagonista dele.

Bruno Azevêdo: E aí eu vou te pedir permissão pra ler o último parágrafo, porque é muito dramático. Eu adoro um drama... “A porta do futuro vai se abrir lentamente, implacavelmente. Estou no limiar. Só existe essa porta e que espreita atrás dela. Tenho medo e não posso chamar ninguém por socorro. Tenho medo”. Embaixo, escrito com uma raiva enorme, está escrito: “E como?!!!!” com uma meia dúzia de exclamações. E logo após uma estrela seguida da data 23/08/47, e uma cruz seguida da data 23/08/87.

Bárbara Rubira: Uma estrela com uma data, uma cruz com outra data. Que nem numa lápide. Só que a data que vinha depois da cruz era daquele mesmo ano que a Alice tinha anotado na folha de rosto, 87!

Bruno Azevêdo: E não tinha nada mais importante na minha vida do que saber se essa mulher tava viva. Porque ela em 87 leu esse livro quando fazia exatos 40 anos, no dia 23 de agosto, e anunciou a própria morte. Acho que é isso que tu consegue ver.

Bárbara Rubira: Eu não conseguia ver muito bem pelo vídeo, quando eu tava conversando com o Bruno, mas depois ele me mandou uma foto dessa página. Tá lá no site da Rádio Novelo.

Bruno Azevêdo: E eu fiquei completamente maluco, porque, meu Deus, o que aconteceu com ela? Como esse livro foi parar no sebo? Eu devo ter umas 500 versões da vida dessa mulher. Porque eu levantei todo tipo de hipótese que você possa imaginar. Será que o livro foi importante? Será que

ela tá fingendo? Será que é real? Não tinha jeito, eu tinha que achar essa mulher.

Bárbara Rubira: O Bruno tava sentindo que o livro dele não podia terminar daquele jeito.

Bruno Azevêdo: E eu ficava pensando: "Como tá essa mulher? Eu preciso devolver esse livro para ela". Foi isso que eu pus na minha cabeça. "Preciso devolver esse livro e eu preciso ouvi-la. Preciso saber o que aconteceu. Eu preciso saber se ela está bem".

Paula Scarpin: Acho que eu entendo um pouco o Bruno.

Bárbara Rubira: Essa é a Paula Scarpin.

Paula Scarpin: Oi. E acho que você entende o Bruno também, né, Babi?

Bárbara Rubira: A gente tem um bom grupo de obsessivos aqui na equipe do Rádio Novelo Apresenta. E tem muito ouvinte obsessivo, também...

Paula Scarpin: E aí, você tava no meio dessa apuração sobre a história do Bruno...

Bárbara Rubira: E da Alice.

Paula Scarpin: Do Bruno e da Alice, isso. Quando chegou um outro e-mail de ouvinte aqui...

Bárbara Rubira: ... com uma história que tem algumas coisas em comum.

Paula Scarpin: Algumas. Tem. O e-mail era do Daniel Guerra.

Daniel Guerra: Eu cheguei em São Paulo em julho do ano passado. Eu sou de Salvador.

Paula Scarpin: As histórias têm muita coisa diferente também, claro. Tanto o Bruno quanto o Daniel tinham saído das cidades natais deles – mas o Bruno tinha ido de

férias pro Rio, pra Petrópolis... E, no começo dessa história aqui, o Daniel tinha se mudado pra São Paulo, pra morar com a namorada.

Daniel Guerra: Eu cheguei naquela euforia, eu sempre quis vir para São Paulo. E depois comecei a baixar, assim, a onda, digamos, e comecei a ficar triste. Eu estava também sem trabalho, porque depois da pandemia a classe artística ficou bem vulnerável. Então eu estava sem projeto, não tinha edital saindo...

Paula Scarpin: O Daniel é dramaturgo e diretor de teatro.

Daniel Guerra: E aí, aí eu falei assim: "São Paulo, cara". Eu estava assim, sempre no sofá, assim... eu pensando o que eu queria fazer, sem muitos contatos em termos de projeto, de criação de arte e tal, que é diferente lá de Salvador, tinha uma outra vida. E aí eu falei: "O que é que eu vou fazer?" E eu sempre gostei de sebo.

Paula Scarpin: De sebo.

Bárbara Rubira: Olha aí.

Daniel Guerra: Eu lembro que quando eu vinha para São Paulo, nas outras vezes que eu vim, eu me encantava pela quantidade de sebos que tinha na cidade. Aí eu fui. A primeira loja que eu fui foi onde eu e minha companheira compramos um som três em um, que é de toca discos, rádio e toca-fitas. A gente comprou esse e deixou lá em casa. Foi bom, já que eu tenho o toca-fitas, eu vou ver esses sebos, nesses antiquários, enfim, nessas lojas de antiguidades, se eu vou comprar fitas quaisquer, assim, fitas que tão lá jogadas...

Bárbara Rubira: Fitas. Aqui mais uma diferença entre a história do Bruno e a do Daniel. O Daniel tava atrás de fitas.

Paula Scarpin: Mas os dois tavam atrás da mesma coisa, no fundo, né? De uma boa história que não tivesse ali, na superfície.

Daniel Guerra: E realmente as fitas geralmente são jogadas, porque como eu fui saber, eles vendem, assim, para decoração de festas. Uma festa temática sobre os anos 80, e aí compram várias fitas. Eles nem escutam as fitas. Colocam lá na decoração, depois jogam fora, sei lá. Aí eu falei: "Bom, deve ter também fita de família, fita de gente que gravou, e tal".

Flora Thomson-DeVeaux: A gente também tem esse comichão...

Paula Scarpin: Essa é a Flora Thomson-DeVeaux, e ela quis participar dessa conversa comigo e com o Daniel porque a gente já tinha juntas uma obsessão parecida, de tentar encontrar histórias em fitas – em mercado de pulgas, em feiras de antiguidades...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o Daniel conseguiu um esquema pro garimpo dele bem melhor que o nosso.

Daniel Guerra: Aí eu cheguei lá na loja do Denílson, uma figura especial, porque ele fala assim: "Sensacional!" Ele é meio... Aquele roqueiro de 60 anos, sabe? Essas figuras de São Paulo, o tiozão do rock, como chama...

Paula Scarpin: O Daniel explicou o que que ele tava procurando, e o Denílson entrou na onda. Ele fez um precinho camarada de dois reais por fita cassete...

Flora Thomson-DeVeaux: Com o detalhe de que ele podia ouvir antes de comprar, ali na loja mesmo.

Daniel Guerra: Aí ele me colocou numa salinha lá, que tinha todas as coisas mais, assim, jogadas, né? Aí ele me deu um toca-fitas portátil, e eu fiquei naquela sala, ali, pensando na vida e escutando várias fitas que não tinham muita coisa assim. Algumas não tinham nada de fato, eram fitas virgens, outras tinham muitas gravações de rádio que não tinham voz de pessoas, mas tinham gravações aleatórias ou gravações de de outras fitas. Alguns eram música...

Paula Scarpin: Essa tem sido a nossa experiência, né?

Flora Thomson-DeVeaux: É, só gravação de rádio, mixtape... no máximo a gravação de alguma aula. Por algum motivo, várias pessoas gravaram o áudio das novelas que elas tavam assistindo na TV. Depois de várias dessas, dá vontade de largar o fone de ouvido...

Paula Scarpin: O Daniel tava quase desistindo...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o Denílson-tiozão do rock não ia deixar.

Daniel Guerra: Aí ele falou: "Não, mas tem lá ainda". Eu fui lá ver e vi essa fita... e eu não escutei, eu só levei porque já estava pra sair, assim. Então, assim, tem escrito... são em bic. Quando eu vi, assim, na inscrição: "Pra você, Jesus", eu pensei assim: "Deve ser uma coisa evangélica ou cristã. Deve ser uma fita de músicas gospel". "Para você, Jesus, da sua amiga do Brasil, Annick. São Paulo, 27 de janeiro. Verão de 1986. Saudade com mil beijos".

Flora Thomson-DeVeaux: Saudade de Jesus?

Paula Scarpin: É, o Daniel não parou muito pra pensar... Ele já tava de saída, pegou a fita e foi embora. Qualquer coisa, depois ele trocava.

Daniel Guerra: Então eu falei: "Bom, deve ser isso". Aí cheguei, começou a chover muito. Aí botei ela, deitei no sofá... e aquela coisa meio cinematográfica, mesmo, de noite chuvosa, e um som de fita, aquela que também parece chuva, o silêncio da fita.

Paula Scarpin: E aí, já no primeiro segundo é: "Olá Jesus!"...

Fita K7 Annick: Olá, Jesus! Como vai?

Daniel Guerra: Aí eu falei: "Não é possível. Deve ser uma mensagem evangélica, algo assim". Não, mas era: "Olá, Jesus!", e aí começa...

Fita K7 Annick: Olá, Jesus! Como vai? É Annick quem tá falando...

Daniel Guerra: Vem Annick, depois a amiga Suzana...

Fita K7 Annick: Você lembra quem é Suzana? É aquela minha amiga loira que tava ouvindo você tocar do meu lado. Lembra? Então, ela tá meio brava comigo porque ela não queria que eu gravasse agora, ela queria que eu gravasse mais tarde, né? Pera um pouco, eu vou encher a paciência dela. Ela tá deitada, eu tô indo onde ela tá. Fala alguma coisa pro Jesus, Suzana. Abre a boca! Fala, por favor, fala! Fala: "Oi, Jesus", fala...

Fita K7 Suzana: Oi, Jesus.

Daniel Guerra: E aí eu comecei a pirar, porque eu falei: "Isso não vai continuar até o fim, não é possível". E eu falei assim: "Deve ser uma coisa muito simples... ela vai apenas falar: 'Olá, Jesus', Depois vai botar as músicas de rádio". Não. E eu com o coração batendo em cada palavra, porque só melhorava...

Fita K7 Annick: Será que eu tô falando muito rápido e você não tá entendendo nada? Espero que você entenda o meu português. Eu sei que você se interessa por coisas de língua estrangeira, né? É um bom exercício, ainda mais comigo que falo meio errado... meio assim, gíria e tal, a compreensão fica mais difícil ainda. É um treino excelente. Então escuta até o fim, tá? Pera um pouquinho, que a Suzana vai cantar qualquer coisa.

Fita K7 Suzana: Qualquer dia, qualquer hora.... a gente se encontra... Seja onde for... pra falar de amor... pra matar a saudade que só me faz bem... das águas escuras desse mar também...

Daniel Guerra: E aí eu fui compreendendo que a história é a seguinte: Jesus é o destinatário dessa fita, eles se conheceram em São Paulo. Parece que ele é da América Latina, de algum país hispanofalante, violinista de orquestra. Eles se conheceram em São Paulo, acho que nesse mesmo ano de 85, no caso, porque ela grava a fita no começo de 86, eles conheceram no começo do ano de 85, se não me engano, quando ele tava de passagem aqui para tocar violino no Clube Hebraica aqui... E aí ela vai um dia para o Clube

Hebraica com Suzana e lá encontra Jesus e elas entram na sala de concerto...

Fita K7 Suzana: Aí você chegou, começou a tocar, e olhando pra gente, ai! Foi gozado...

Daniel Guerra: Parece que eles se olham assim, pelo menos a história que Suzana conta em algum momento. E aí, eu imagino ela entrando na sala. Ele está tocando. De repente ele olha para ela no meio de uma nota, e eles se apaixonam, enfim, esse tipo de coisa... Não tem muito mais sobre como foi o encontro, parece que eles tiveram algum tipo de relação.

Fita K7 Annick: Quando eu te beijei, a imagem que me veio na cabeça era um merengue. É um doce de suspiro com chantilly no meio, um chantilly super gostoso e uma cereja. Então, cada vez que eu lembro assim do teu beijo dessa imagem na minha cabeça, e o gosto do doce. É gozado, né? É porque foi muito bom.

Daniel Guerra: E aí ele vai embora e ela vai gravar essa fita já no outro ano. Ele faz aniversário dia 25 de dezembro, que é Natal.

Fita K7 Annick: Dia 25 eu lembrei de você, do seu aniversário, né? Eu fiquei pensando: "Jesus faz 28 anos".

Daniel Guerra: E ela fala, nessa fita.

Fita K7 Annick: Até cantei parabéns pra você na minha cabeça.

Daniel Guerra: E cantaram parabéns e cantam parabéns na fita...

Fita K7 Annick: "Parabéns pra você". Pera, a Suzana vai cantar que ela tá melhor que eu pra cantar hoje. Canta o parabéns pra ele, por favor.

Fita K7 Suzana: Parabéns pra você, nesta data querida. Muitas felicidades, muitos anos de vida!

Fita K7 Annick: Viva o Jesus!

Fita K7 Suzana: Viva o Jesus!

Daniel Guerra: Daí que eu falei: "Bom, o aniversário de Jesus é o mesmo do aniversário de Jesus, histórico" e tal, que deve ser comum, né, assim, a pessoa que bota o nome do filho de Jesus é porque é homenagem. E aí ela vai se aprofundando nessas histórias. Ela fala muito do próprio meio, assim: "Eu tô gravando essa fita..."

Fita K7 Annick: Cada vez que eu falo assim de uma luzinha vermelha indicando a intensidade do que eu estou falando.

Daniel Guerra: Fala sobre a vida dela... Ela tá de férias, viajou para Cabo Frio. Ela descreve muito bem as paisagens, descreve muito bem as situações. Ela parece uma artista mesmo, no sentido da locução da narrativa, que ela constrói. Em Cabo Frio, ela descreve como ela e Suzana entram num rio e a correnteza vai levando elas.

Fita K7 Annick: Tinha um canal com cinco metros de largura, um canal que ligava um lago ao mar e a água limpíssima, sabe? Então a gente entrava dentro do canal e a correnteza levava a gente, não precisava nem nadar. E a gente fazia isso no pôr do sol.

Daniel Guerra: A correnteza vai levando elas durante um quilômetro e elas vão gritando...

Fita K7 Annick: E a gente passava por debaixo de umas pontes, assim. A gente cantava, dava eco, a gente ria, a gente gritava...

Daniel Guerra: Isso vai ecoando pelas pedras...

Fita K7 Annick: Um tempo gostoso, assim. Me queimei. Tô queimada, viu? Morena.

Daniel Guerra: Ela fala: "Voltei morena". Enfim, muitos detalhes. Ela tá de férias, tá desempregada, ela fala isso em algum momento...

Fita K7 Annick: Eu tô desempregada, mas estou procurando emprego.

Daniel Guerra: Ela estuda Direito, acho que na PUC, porque ela tem um professor em um momento que é monge.

Fita K7 Annick: O professor é um monge do Mosteiro de São Bento. Ele vai falar sobre Platão esse ano.

Daniel Guerra: Enfim, ela tem esse pendor mais para a estética, para a filosofia, para a arte... E ela estuda Direito, mas quer ser cantora. Ela tem aulas de canto.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma coisa engraçada que é: a Annick está fazendo aula de canto e ela nunca canta, só a Suzana que...

Paula Scarpin: Só a Suzana que canta.

Flora Thomson-DeVeaux: Que, assim, com todo respeito pra Suzana... não canta bem.

Daniel Guerra: Vocês escutaram, então. Que legal!

Paula Scarpin: O Daniel tinha mandado os dois lados da fita digitalizados pra gente – e claro que a gente ouviu antes de conversar com ele.

Daniel Guerra: Vocês têm alguma coisa pra falar? Não sei se...

Paula Scarpin: Eu quero te ouvir primeiro.

Daniel Guerra: Qualquer coisa me parem, né? E aí tem um momento que é muito bacana também, que tá no começo do lado B, que é, assim, ela grava coisas do rádio.

Fita K7 Annick: "Não se espante assim, meu moço, com a noite do meu sertão. / Tem mais perigo que a poesia, do que o jogo da razão."

Daniel Guerra: E aí tem uma música de Milton Nascimento, uma música de Gonzaguinha, todas assim, de cortar o coração.

Fita K7 Annick: "...chorar, sofrer, sorrir, se dar. E se perder e se achar..."

Daniel Guerra: Na volta, ela fala: "Eu gravei aqui essas músicas e tal..."

Fita K7 Annick: As músicas anteriores. Eu peguei no rádio, então não deu pra gravar muito bem, porque a gente fica esperando, tá mudando de estação, a gente pega pela metade. Mas são músicas bonitas. Eu acho, né?

Daniel Guerra: Aí nesse momento que volta para ela, ela tá na cozinha sozinha, já. É o único momento que ela tá sozinha...

Fita K7 Annick: Eu agora tô sozinha aqui na cozinha, o pessoal já foi dormir...

Daniel Guerra: Na cozinha de noite. Falei: "Não é possível que ela tá preparando toda essa dramaturgia..."

Fita K7 Annick: E já tá ficando meio ridículo eu com esse gravador... porque as pessoas pensam assim: "Essa menina é doida, né? O cara nem escreve pra ela...", né?

Daniel Guerra: Aí de fato ela começa a falar dela mesmo, no sentido mais... Ela fala pra Jesus, mas fala dela mesma... Então ela começa assim: "Eu não sei, vamos falar de namorado, de namoro. Eu sou sua amiga, eu sei disso", sabe?

Fita K7 Annick: Quer dizer: eu entendo as coisas, sabe? Acho que namorado, namorado, mesmo, assim, era meu pai.

Daniel Guerra: "Meu pai". Para quem lê um pouco de psicanálise...

Fita K7 Annick: Com ele tinha tudo, entendeu? Compreensão, carinho, tudo. Uma amizade incrível.

Daniel Guerra: Eu comecei a perceber que talvez esse pai, talvez, uma possibilidade de pai seja morto nesse momento, porque ela começa a falar de energias e de contatos com outras dimensões...

Fita K7 Annick: E agora sinto saudades dele. Mas, sim, eu sei, eu sinto a presença dele em mim, e no ar, e nas coisas.

Daniel Guerra: Ela faz a metáfora de que o corpo é uma caverna e os olhos são duas aberturas dessa caverna...

Fita K7 Annick: Nos seus olhos existe uma abertura, e o ar do ambiente, e do céu, e o que permeia todas as partículas existentes no mundo, permeia as células... Sabe, esse ar tá em você, tá dentro dessa caverna e tá se unindo ao exterior pelos seus olhos, e ao mesmo tempo por todo o teu corpo, né?

Daniel Guerra: E que se você vai aprofundando, vão acontecendo coisas de contatos com outras instâncias, e tudo vai aprofundando, vai aprofundando...

Fita K7 Annick: É como se você olhasse pro céu justamente, e sentisse que você é esse céu, que esse céu, ele tá dentro de você. É esse ar.

Daniel Guerra: Como se fosse uma auto hipnose, sei lá o que...

Fita K7 Annick: É uma coisa esquisita, né? Bem, esquece esse assunto.

Daniel Guerra: Vai fazendo isso, assim, esse discurso... E ela fala:

Fita K7 Annick: Vai acabar a fita, eu nem percebi.

Daniel Guerra: Aí a fita acaba. Eu não tava preparado para isso. Na verdade, eu nem gosto de melodrama. Não gosto de coisa sentimental na arte em geral. Então, no geral, é uma dramaturgia perfeita, assim. E deixa muita coisa em aberto. Não tem trama, muitas possibilidades.

Eu nasci em 87, a fita de 86. É como entrar em contato com o período que eu nasci, mais ou menos, e de uma forma brilhante, porque eu acho que Annick é brilhante... E aí depois eu fico – depois, não, na hora... Rapha foi buscar no Facebook. E eu não queria, assim...

Paula Scarpin: Rapha é o nome da namorada do Daniel, que motivou ele a se mudar pra São Paulo. Depois de ouvir a fita inteirinha uma vez, ele ouviu de novo, em seguida, com ela. A Rapha abriu o Facebook e colocou ali só "Annick", que tem esse nome bem incomum... e tinha algumas possíveis Annicks ali, mas o Daniel não queria mexer nisso ainda.

Flora Thomson-DeVeaux: O que não deixa de ser um pouco de procrastinação da parte dele, né? Porque quando ele começou toda essa pesquisa, ele tava atrás de material pra produzir uma peça... e ele achou.

Daniel Guerra: Ela é demais. Cara, eu fiquei realmente... Qualquer dramaturgo gostaria de escrever algo parecido, e com aquela fluidez.

Paula Scarpin: Você pode falar um pouco sobre esse projeto que você pretende fazer com a fita?

Daniel Guerra: Sim. Minha ideia é ir fazendo dramaturgias várias, assim. Nessa de Annick, mesmo, eu tenho já um espetáculo de uma hora, assim. É só ela. Eu não vou fazer nada, eu vou dar play e provavelmente vou estar desfigurado. Assim, uma maquiagem meio remetendo a um ser outro, meio soturno, meio Beckett, sabe? E vou simplesmente deixar Annick falar e fazer umas pequenas pontuações, assim, cênicas, de pequenos gestos, e não vou falar nada. E vai ser uma coisa muito mínima, porque Annick já fala por si.

Flora Thomson-DeVeaux: E, enfim, imagino que qualquer coisa que você fosse fazer com essa fita, você ia querer falar com a Annick antes, né?

Daniel Guerra: Sim, sim. Se eu conversar com ela algum dia para fazer alguma coisa, é como se fosse uma colaboradora. Teria que ser assim. Ela tem que falar: "Estamos juntos".

Flora Thomson-DeVeaux: E passa pela sua cabeça que ela possa falar: "Caralho, eu não queria que mais ninguém ouvisse essa fita sob hipótese alguma! Você não pode fazer uma peça da minha fita que eu gravei na intimidade aos 20 anos".

Daniel Guerra: Exatamente. Esse é um dos meus grandes receios. É por isso que eu deixei na gaveta. É claro que, se ela falar isso, não vou poder fazer nada.

Paula Scarpin: Eu fico pensando nessa possibilidade que a Flora falou, de ela dizer: "Não, isso era uma coisa íntima. Não quero que você... não autorizo nada..." Tanto quanto: "Era uma garrafa que eu tinha jogado no mar, e eu tava esperando alguém..."

Daniel Guerra: Tudo é possível.

Paula Scarpin: Tudo é possível. E aí, ontem, depois de ouvir, a Flora enquanto a gente ouvia, ela tinha aberto sei lá quantas abas de Annicks no Facebook. E aí teve uma que eu falei: "Eu tenho certeza que é essa", tal. Porque ela é formada em Direito e é professora de canto. Tem no YouTube algumas coisas dela...

Flora Thomson-DeVeaux: Cantando.

Paula Scarpin: Principalmente cantando, mas ouvindo ela falando, entre uma música e outra... é ela. Assim, eu tenho certeza.

Daniel Guerra: Começo a tremer aqui.

Paula Scarpin: Então tá muito fácil chegar nela. É uma questão de querer.

Bruno Azevêdo: E aí... Isso é um dilema ético, no fim das contas, né?

Bárbara Rubira: Aqui é, de novo, o Bruno Azevêdo, que encontrou o livro "A mulher desiludida", da Simone de Beauvoir, num sebo em Petrópolis, numa edição toda anotada por uma mulher chamada Alice...

Paula Scarpin: E essa, de novo, é a Bárbara Rubira, pegando o microfone de volta com uma questão central dessas histórias:

Bárbara Rubira: Essas garrafas, jogadas ao mar... quem é o dono delas? Quem jogou essas garrafas queria que elas fossem encontradas?

Paula Scarpin: Ou: quem jogou a garrafa queria ser perturbado por quem encontrou a garrafa anos mais tarde?

Bruno Azevêdo: Será que eu tenho o direito de perturbar uma pessoa que estava sofrendo tanto naquele momento? Será que a minha curiosidade vale...

Bárbara Rubira: De uma certa maneira, o livro... Ela se desfez do livro, né?

Bruno Azevêdo: Exato!

Bárbara Rubira: Só que a curiosidade do Bruno era bem maior que o pudor de perturbar a Alice.

Bruno Azevêdo: E aí? Enfim, eu sou um cara que fuça, né? Eu decidi que eu ia atrás dessa mulher.

Paula Scarpin: Tá, mas como? Porque o Daniel tinha muito mais dados sobre a Annick, né?

Bruno Azevêdo: Eu não tinha um sobrenome. E não é um prenome incomum, sabe? Imagina alguém que tem que achar um Bruno, pobrezinho! Tem um a cada esquina, não dá.

Bárbara Rubira: É, o Bruno só tinha aquelas poucas pistas dentro do livro. Inclusive algumas que eu não mencionei antes.

Bruno Azevêdo: Eu só tinha um prenome, duas datas, um número de telefone, o nome de uma cidade.

Bárbara Rubira: Um número de telefone de mais de 30 anos...

Bruno Azevêdo: De mais de 30 anos. E a foto de um pássaro. Dentro do livro, solta. Tinha uma foto 10x15 de um pássaro que foi feita na contraluz, então não dava pra identificar a espécie do pássaro. Eu perguntei para amigos biólogos. O máximo que eu consegui foi descobrir a vegetação e conseguir relacionar a vegetação com a região de Petrópolis. Mas enfim, era tudo isso que eu tinha, Bárbara.

Bárbara Rubira: Um prenome, algumas datas, uma cidade, uma foto de um pássaro, e um número de telefone que não existe mais.

Bruno Azevêdo: Eu tinha um perfil.... A forma como ela escreveu no livro e o fato de ela estar lendo esse livro me dizia que ela era uma mulher da elite. Então eu sabia que era alguém da elite de Petrópolis que nasceu ali no final dos anos 40, que é um período ainda de importância econômica e tudo mais, da cidade, que comprou um livro.

Bárbara Rubira: E aí, por onde começar?

Bruno Azevêdo: Daí eu comecei a rodar com as informações que eu tinha para tentar achar essa mulher. Registro cartorial, registro paroquial, jornal...

Bárbara Rubira: Com os jornais, ele não conseguiu muita coisa, porque os jornais de Petrópolis daquela época não tão digitalizados na Hemeroteca ainda.

E o Bruno mora no Maranhão, então não é como se ele pudesse dar uma passadinha rápida em Petrópolis numa segunda à tarde pra procurar se têm arquivos físicos nas bibliotecas de lá.

Bruno Azevêdo: Eu não podia ir no Arquivo Público porque não podia ir no Arquivo Público, e eu não tinha condição de pagar um historiador que fosse lá fazer essa pesquisa para mim. Porque, assim, sendo ela uma mulher de elite, era possível que alguns ritos da vida dela tivessem sido registrados em jornal: nascimento, casamento, festa de debutantes, batizado...

Bárbara Rubira: De longe, ele não teve nenhum sucesso. No que ele conseguiu encontrar digitalizado, ele não achou nenhum sinal da Alice.

Bruno Azevêdo: Rádio... Eu liguei pras rádios pra falar com os locutores mais antigos para saber se eles conheciam alguém com esse perfil. Fui averiguar o telefone. Mesmo na lista, o telefone não constava. Eu fui atrás do sebo, que eu não lembrava o nome do sebo. Fui no Google e aí achei as imagens da rua, pra entrar na galeria, pra achar o sebo, cujo dono tinha morrido. E não tinha... Um dono de sebo não sabe como os livros chegam lá, via de regra, né? Enfim, eu passei meses dando murro na ponta de todas as facas que me apareceram, até que eu exauri pelo menos as fontes que eu tinha naquele momento pra tentar achar essa mulher.

Bárbara Rubira: Meses de busca, e nada. Aí o Bruno, já meio desacreditado, resolveu partir pra uma última estratégia desesperada:

Bruno Azevêdo: E aí fiz uma postagem. Foi no Facebook, posto que sou velho, e coloquei lá: "Gente, olha, achei esse livro, essa pessoa assim, assim, assim, assim e tal. Não penso em outra coisa..."

Bárbara Rubira: O Bruno, aliás, já tinha pensado em apelar pras redes bem antes. Ele foi lá e jogou "Alice" na barra de pesquisa do Facebook, tentou dar uma filtrada pela localização, e foi mandando mensagem pra todos os perfis correspondentes em Petrópolis:

Bruno Azevêdo: "Oi, eu não sou maluco. Eu estou pesquisando o tal tal tal tal tal coisa. Está aqui um link, outro link para saber que eu existo e faço coisas e tudo mais."

Bárbara Rubira: Não sou um agiota procurando a pessoa... (risos)

Bruno Azevêdo: Imagina! Eu escrevi. E nada. Ninguém me respondeu.

Bárbara Rubira: Mas, com a postagem, o último ato desesperado, foi diferente:

Bruno Azevêdo: A Mariana Filgueiras, jornalista, fez uma varredura no Facebook dela. Como ela é do Rio, apareceu uma pessoa. Ela diz "Oh, vê se essa aí te ajuda". E era exatamente o perfil que eu estava procurando. A idade, tudo mais. E aí eu disse: "Éguas..."

Bárbara Rubira: Ela te mandou o link do perfil, tinha foto?

Bruno Azevêdo: Tinha foto!

Bárbara Rubira: Que que você sentiu, vendo o rosto dela, assim?

Bruno Azevêdo: Eu não acreditei, na real! Porque foi a primeira coisa que de fato deu em algum lugar. E aí eu disse: "Deve ser ela".

Bárbara Rubira: Aí ele mandou uma mensagem, claro. Ele não tem mais a conversa salva, nem lembra certinho o que que foi que ele escreveu, mas era mais ou menos assim: ele se apresentou — Bruno, escritor, não agiota; mandou provas — fotos do livro, que ele tinha a intenção de devolver e explicou mais ou menos o que ele queria — saber como ela estava, o que tinha acontecido, o que o livro representou pra ela. Só que ela não respondeu.

Bruno Azevêdo: E aí... Um obsessivo é um obsessivo, né? Eu fui olhar toda a rede de contatos dela. Então, quem deve ser a família dessa pessoa? Tem gente que tem cara de que é filho, gente que tem cara, de que é isso, isso. E aí eu escrevi pruma espécie de primeira camada de contatos dessa pessoa.

Ninguém me respondeu. E aí um tempo depois, eu já completamente maluco, meus amigos não suportavam mais ouvir sobre isso....

Bárbara Rubira: A essa altura, o Bruno tava procurando a Alice já tinha uns 3 anos.

Era 2017. E o Bruno tinha planos de ir para a Flip — a Festa Literária Internacional de Paraty. Pela primeira vez desde aquela ida ao sebo, ele ia tá em terras fluminenses. E aí ele decidiu aproveitar a viagem e percorrer quase 300km de estrada pra ir, de novo, até Petrópolis.

Bruno Azevêdo: E não é bem para achar essa mulher, porque eu não tenho mais essa esperança. Mas a gente vai lá para fechar essa história, e eu vou esquecer isso. E foi uma viagem catártica, no final das contas, porque eu fui reencontrando todos aqueles passos. Eu fui ao sebo. E fui a todos os lugares, eu... Bárbara, eu tava pra entrar nos lugares e perguntar: "Você conhece por acaso uma pessoa chamada Alice, que talvez tem seus 70 anos e que em 1987 sofreu por amor?". O que é completamente absurdo, mas você chega nesse nível, né?

Bárbara Rubira: Bom, ele não chegou a esse ponto, de bater de porta em porta perguntando por Alice. Mas, nessa viagem, ele fez uma coisa que, lá de São Luís, ele não tinha conseguido fazer.

Bruno Azevêdo: A única pesquisa que eu não fiz foi a pesquisa de jornais. E aí fomos no Arquivo Público. A historiadora do Arquivo Público é uma senhora incrível! Passamos uma manhã lá... Enfim, não há registros. E aí, eu disse: "Foi, encerramos essa história. E vamos pra casa".

Bárbara Rubira: Caso encerrado. O Bruno voltou de Petrópolis pro Rio de Janeiro, pra ver o mesmo amigo que ele tinha ido visitar anos atrás. Mas o lado obsessivo do Bruno falou mais alto. Ele não podia desistir. Não depois de ter chegado tão perto.

Bruno Azevêdo: Eu disse: "Eu tô aqui, não é possível!". Aí eu decidi voltar ao Facebook e mandei mensagem pra todos os amigos dessa mulher. Todos. Enfim, mesmo rolê: "Não sou maluco. Preciso achar essa pessoa. Eu acho que você a conhece". E... Ziriguidum, telecoteco, balacobaco. E alguém me

respondeu. Dizendo: "É ela. Mas ela não vai querer falar contigo". Aí eu disse: "Ok, mas eu preciso ouvir isso dela". Por alguma coincidência cósmica ou não, não sei se essa pessoa falou pra outra... Uma outra pessoa me respondeu pelo Facebook. E me disse: "Eu sou filho dela". E eu, como numa canção do Amado Batista, me tremi todo.

Bárbara Rubira: Naquela última tentativa, finalmente uma resposta. E de alguém muito próximo da Alice: um filho dela. Que, por algum motivo, confiou que o Bruno não era um maluco, e topou ajudar.

Bruno Azevêdo: E ele disse: "Ela não mora mais aí. Mas amanhã ela vai estar aí e vai ficar só, salvo engano, dois dias". E de repente me manda um contato. "Essa pessoa tá viva e eu vou conseguir falar com ela!". E aí, no outro dia, eu embarquei do Rio de volta para Petrópolis. E cheguei na casa dessa senhora. E ela abriu o portão e disse: "A minha família inteira falou que não era para eu te receber".

Bárbara Rubira: Bom... pudera, né? Imagina só: um cara desconhecido manda mensagem pra você e pra mais trocentas pessoas do seu círculo por causa de um livro de segunda mão. Acho que se a Alice fosse alguém da minha família, eu provavelmente teria dado o mesmo conselho.

Bruno Azevêdo: Porque era obviamente um maluco que estava lá. E a única coisa que eu pude dizer de volta foi "Obrigado". E eu sentei. E essa moça me contou tudo. O que é uma loucura. Pensando que eu era um Zé ninguém que saiu do Maranhão com uma cópia de um livro que ela se livrou nos anos 80.

Bárbara Rubira: O Bruno e a Alice passaram uma hora conversando. Ele pôde fazer todas as perguntas que ele queria fazer. Pôde preencher todas as lacunas da história que ele vinha construindo na cabeça dele a partir daqueles rabiscos. Pôde saber, de fato, o que que tava se passando na vida da Alice, quando ela leu aquele livro, 30 anos antes.

Bruno Azevêdo: É uma mulher que muito jovem se casou com um cara que num momento era amoroso, carinhoso, afetuoso, mas que depois se tornou um homem repressor, que tolheu todas as coisas que ela quis fazer. Ela não

conseguiu ir para faculdade por conta dele, teve quatro filhos em sequência e morou numa em várias cidades por conta do trabalho do marido. E o marido, bem, faz o que alguns maridos fazem. Que foi exatamente o que o marido do livro da Beauvoir fez. Então, de fato, essa mulher em 1987 tava passando pela mesma coisa.

Bárbara Rubira: A Alice contou pro Bruno que ler aquele livro foi o que deu pra ela, finalmente, forças pra romper definitivamente com o marido, depois de várias idas e vindas. Não foi fácil.

Aquela vida de esposa, de mãe, de viver integralmente pros outros, aquilo era a única coisa que ela conhecia. Por muito tempo, ela não quis sair dali. Ela não sentia que podia sair dali. Não conseguia se ver separada disso.

Bruno Azevêdo: A foto do pássaro era a foto do pássaro de um dos filhos dela. Que era criado solto, o pássaro ficava na gaiola, saía e voltava. E ela não teve nenhum interesse pelo livro. Mas na hora que ela olhou a foto do pássaro, ela disse "Eu posso ficar com esse?" Eu disse: "Claro, mas fique com o livro também se fizer algum sentido pra senhora". Ela disse "Não", eu disse: "Eu tenho uma cópia". Ela disse: "Então tá bom. Então eu fico". O nome do pássaro é Alice. E por isso essa mulher nessa história tem esse nome.

Bárbara Rubira: Agora é um bom momento pra eu te confessar uma coisa: Alice não é o nome verdadeiro da nossa mulher desiludida. Não era Alice o prenome escrito na folha de rosto do livro. Esse era o nome do pássaro da foto, e foi o nome que o Bruno escolheu pra falar dela aqui. Isso porque ela quer continuar anônima.

Aliás: aquela conversa entre eles, de quando eles finalmente se encontraram depois de anos de busca, o Bruno gravou. A gravação com áudio dessa conversa com a Alice tá com ele até hoje. Mas a gente também não vai rodar isso aqui, em respeito à Alice, que pediu que esse áudio ficasse só entre os dois. Direito dela. Acho que a gente já se meteu na vida dela o suficiente.

Paula Scarpin: Ok, a gente se meteu na vida da Alice o suficiente, mas ainda tinha a vida de uma pessoa em que a gente tava ameaçando se meter.

Flora Thomson-DeVeaux: Na da Annick.

Paula Scarpin: Aqui, de volta, aliás, é a Paula Scarpin.

Flora Thomson-DeVeaux: E a Flora Thomson-DeVeaux.

Telefonema Annick

Paula Scarpin: Alô, Annick?

Annick: Oi, Paula!

Paula Scarpin: E o Daniel, que tem mais pudor que o Bruno, resolveu terceirizar pra mim essa parte de se meter na vida da Annick... Porque, digamos que é isso que eu faço profissionalmente.

Paula Scarpin: Eu queria te pedir essa confiança assim, de gravar comigo sem eu te explicar muito, pra gente poder captar ali na hora as coisas que vão acontecer. Se a gente pudesse marcar no estúdio, né...

Annick: Tá.

Flora Thomson-DeVeaux: E vamos combinar que a Annick também foi bem mais receptiva que a Alice, né?

Annick: Onde é o estúdio?

Paula Scarpin: Pelo menos num primeiro momento...

Annick: Tá jóia. Obrigada, Paula.

Paula Scarpin: Eu que agradeço, Annick! Um abraço, tchau, tchau.

Paula Scarpin: A Annick mora em São Paulo, a gente mora no Rio... então eu combinei de ela ir prum estúdio parceiro nosso em São Paulo, e a gente fazer a entrevista por videoconferência.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas tem outra pessoa que mora em São Paulo, né?

Paula Scarpin: O Daniel. A gente combinou de ele ir lá no estúdio, num primeiro momento sem se identificar. Tipo: “Oi, boa tarde, esse é o Lázaro, o técnico de som, e esse é o Daniel”.

Paula Scarpin: Annick, eu não quis te contar no começo, sobre o que a gente ia conversar hoje... Mas o Lázaro tá com uma gravação que eu queria que você ouvisse antes de a gente começar a conversar, pode ser?

Annick: Pode.

FITA K7 Annick: Olá, Jesus! Como vai? É Annick quem tá falando...

Paula Scarpin: O Lázaro apertou o play, e a gente ficou vidrada na tela, olhando a reação da Annick.

Flora Thomson-DeVeaux: Dava pra ver que ela tava à vontade com tudo isso, de coração aberto, mas a expressão dela tava mais pra intrigada de tá ouvindo a fita do que qualquer coisa.

FITA K7 Annick: Então escuta até o fim, tá? Pera um pouquinho, que a Suzana vai cantar qualquer coisa.

FITA K7 Suzana: [Cantando] Qualquer dia, qualquer hora.... a gente se encontra... Seja como for... pra falar de amor... pra matar a saudade que só me faz bem... das águas escuras desse mar também...

Paula Scarpin: Eu queria que você comentasse...

Annick: Bom, quem tá falando... Eu reconheci a voz da minha amiga Suzana, que é minha amiga, que minha amiga irmã, com quem eu cresci, é minha segunda família e eu acho que é ela cantando... é o jeitinho dela. Eu me emociono porque é isso. Agora. O resto da gravação não entendi porque não era eu. Não era comigo, exatamente. Mas não sei...

Paula Scarpin: Não era você quem tava falando?

Annick: Era eu que estava falando nessa gravação? Meu Deus!

Paula Scarpin: Não foi você quem gravou essa carta pro Jesus?

Annick: Gente, isso aí era... Nossa. Ave Maria. É que a gente conheceu... Olha que coisa engraçada! Mas como vocês foram pegar isso aí? Impressionante. Nossa, uma coisa que eu nunca... Nossa, surpreendente! É que eu conheci com a Suzana... a gente foi num concerto na Hebraica, e eu conheci o Jesus que era um violinista... eu não sei se ele era violinista ou ele tocava viola... e a gente se conheceu... E o que que é essa história? Vocês poderiam explicar melhor? Porque eu não entendo nada...

Paula Scarpin: Posso.

Annick: Fale!

Paula Scarpin: Na verdade o Daniel, que tá aí na sua frente, vai poder te explicar melhor.

Daniel Guerra: Deixe eu me recuperar aqui um pouquinho, porque, à medida que eu escutava, eu ficava também sentindo um pouco da surpresa. Então, Annick, é...

Paula Scarpin: O Daniel explicou pra Annick tudo o que ele tinha explicado pra gente, de como ele encontrou a fita – ele tava com a caixinha da fita na mão, na hora.

Annick: Meu Deus do céu...

Daniel Guerra: É sua essa letra?

Annick: É! Mas você encontrou isso num sebo? Como foi parar num sebo?

Daniel Guerra: Não sei! A minha pergunta é a mesma...

Paula Scarpin: Você pode contar pra gente, porque a gente ficou em dúvida: será que você tinha mandado a carta ou não... eu tô curiosa porque...

Annick: Meu Deus!

Paula Scarpin: ... porque você nem reconheceu a sua própria voz, né?

Annick: Não!

Paula Scarpin: Então você lembrava de...?

Annick: Eu reconheci a voz da minha amiga. [risos] Eu pensei que fosse talvez a filha dela falando, não sei. E falando com Jesus, eu estava meio assim... É engraçado porque eu tenho a Suzana... a família dela me acolheu como filhinha, os pais dela me chamavam de "filhinha". Eu não tinha clube, mas o meu clube acabou sendo o Hebraica. Eu sou católica, né? Mas, assim, eu fico emocionada, me toca muito, muito. Tenho mais história com a Suzana do que com o Jesus, que eu nunca mais conversei com ele. Eu sei que ele era um bom músico... Foi um namorico. Na verdade não teve nada, eu era muito novinha, não teve nada de grandes histórias, mas ele me mandou umas cartas bonitas...

Fita K7 Annick: Você lembra que você escreveu numa das cartas perguntando se eu fazia as minhas coisas bem? Que você esperava que eu fizesse todas as coisas que eu faço bem. Pois é, eu não faço nada bem, não, viu? É tudo mais ou menos...

Annick: Eu estou gostando de me ouvir assim, alegre, de um jeito, a voz mais fininha.

FITA K7 Annick: Então, quer dizer, eu vou três dias na faculdade de manhã e um dia eu vou na aula de canto, outro dia eu quero estudar... E o balé, aí que tá, não sei como encaixar...

Daniel Guerra: E aí, você tá saindo do estágio, tá desempregada, que você fala. E não está tendo tempo também de estudar muito canto, parece. E o balé também... Você nunca mais tinha feito, assim...

Annick: Então pode ser que eu tenha depois dos 21, porque eu parei de fazer balé por causa que meu pai morreu. Meu pai era uma pessoa muito diferente, muito boa, muito simples também, e era meio unanimidade. Era difícil ter alguém que não gostasse muito dele. Era um bom amigo assim, bom amigo pros meus amigos, pros amigos do meu irmão, pro cara que tava na esquina... Ele gostava de tomar cafezinho na esquina. A gente morou muito tempo na Liberdade. Ele tomava café com sushi! [risos]

Paula Scarpin: O Daniel ia tirando as dúvidas que ele tinha, de tudo que ele tinha especulado a partir da gravação...

Daniel Guerra: Desculpa, se você não quiser falar, também...

Annick: Não, pode falar.

Paula Scarpin: Ele ia escolhendo os trechos que ele queria ouvir junto com a Annick, vendo a reação dela...

Fita K7 Annick: Eu agora tô sozinha aqui na cozinha, o pessoal já foi dormir...

Daniel Guerra: Então você começa falando de Jesus, uma coisa bem particular, de um caso que você teve, digamos assim, amoroso... mas depois vai abrindo pra amizade, depois vai lembrando do pai, e depois chegando na epifania cósmica... [risos]

Annick: Sim, sim.

Fita K7 Annick: Nos seus olhos existe uma abertura, e o ar do ambiente, e do céu.

Annick: É engraçado porque o tempo passa... e a busca é sempre a mesma...

Flora Thomson-DeVeaux: Que que você sentiu ouvindo esse trecho todo? Que que te despertou?

Annick: Me despertou que eu sou a mesma. Eu sou sempre essa aí. [risos] E vim... e não estava esperando nada a meu respeito. E foi um presente. Foi muito carinhoso e gostoso pra mim. Sabe uma coisa... pra mim foi um presente muito valioso, muito gostoso. Muito obrigada!

Paula Scarpin: Quando a Annick falou isso – que a experiência de reescutar a fita junto com a gente foi boa pra ela, me deu um alívio muito grande. Desde o começo, a gente tava decidida a não usar nada desse material se ela não quisesse...

Bárbara Rubira: Assim como a gente não usou a gravação que o Bruno fez com a Alice, né?

Paula Scarpin: É, exatamente. Mas tem uma coisa de um alívio mesmo – não só porque a gente tava apaixonada por essa história, por essa fita, e queria poder contar, mas deu um alívio saber que essa experiência toda tava sendo boa pra ela também. Não só pra gente – e pro Daniel, claro – que tava entusiasmadíssimo com tudo isso – como o Bruno ficou, né?

Bárbara Rubira: Como é que você se sentiu depois disso, quando você saiu da casa dela? Foi um alívio, foi um momento de "e agora"?

Daniel Guerra: Eu tinha vontade de falar pra todo mundo na calçada que eu tinha conseguido encontrar Alice. Sabe quando você chega no boteco pra pedir um café, o garçom chega... "Cara, deixa eu te contar um negócio: eu achei aquela mulher", e a pessoa: "Quê?" Mas é isso. Minha vontade era essa. Eu tava com um furor, uma excitação enorme de ter conseguido achar

isso. E de ter conseguido conversar com ela, tipo, deu tudo certo. Mas ao mesmo tempo, depois que você resolve uma parte como essa, você tem um peso que agora eu tinha que dar contas dessa história.

Bárbara Rubira: Bruno, lembra? Um cara dos livros. A partir da gravação daquela conversa, e da odisséia da busca dele, ele escreveu um livro – que já passou por algumas versões, e que ele me disse que deve lançar esse ano.

Bruno Azevêdo: A existência da Alice é uma prova muito forte do poder do projeto literário da Beauvoir. Se a gente pensar no livro como uma espécie de parábola, mesmo, né? Uma narrativa com cunho moral. É incrível como ela ressoa nessa mulher que nasceu em outro continente, em outra geração, mas com estruturas que ainda são muito semelhantes, né? "Casei e estou aqui com esse marido que me largou e agora a vida deixou de fazer sentido." Aliás, é até interessante dizer que isso é o meu livro. Eu sou só um sujeito entrão e curioso que decidiu juntar esses dois pontos. Mas essa história é dessa mulher como é a história de milhões de mulheres no mundo. Não há nada, no final das contas, extraordinário com essa história.

Bárbara Rubira: Não tem nada de extraordinário. Nem na história da Monique, a mulher desiludida da Beauvoir, nem na história da Alice.

É bem provável que as histórias delas te lembrem alguma mulher que você conhece. Alguém que abriu mão da própria vida pra viver a vida dos outros. É trabalho. É esforço. É a dedicação de uma vida. E é invisível. É descartável, fácil de abandonar.

Bruno Azevêdo: Daqui a 40 anos, talvez outra mulher leia este livro — o da Beauvoir, no caso —, e encontre uma saída.

Flora Thomson-DeVeaux: É curioso porque as duas histórias que a gente tá contando hoje, nesse episódio, são histórias sobre homens e mulheres. Sobre homens que tavam atrás de mulheres – o Bruno atrás da Alice, o Daniel em busca da Annick... E, as histórias originais, que motivaram essas buscas, são histórias de mulheres que de alguma forma tavam atrás de homens – a Annick atrás do Jesus, a Alice tentando lidar com o marido dela, se separava ou não...

Bárbara Rubira: E na história original de "A mulher desiludida" também, né, é a Monique lidando com o Maurice...

Flora Thomson-DeVeaux: Isso. Mas tem uma diferença importante nessas histórias – né, aqui falando só de Alice e marido, e de Annick e Jesus – que é: a Alice tá tentando superar a perda das ilusões que ela já nutriu pelo marido com a ajuda de uma história que outra mulher contou, a Beauvoir, mas a Annick vai perdendo as ilusões em tempo real ao longo da fita...

Daniel Guerra: E é muito legal porque no início, quando você começou, a gente perguntou sobre Jesus, você falou: "Jesus, deixa eu ver..." E na fita parece que ele vira um detalhe mesmo, você parece que tá falando para o mundo de outra maneira, ou com você mesma... então, é uma questão interessante.

Flora Thomson-DeVeaux: Talvez, por isso, ela nem tenha mandado a fita pra ele. Já não fazia mais sentido mandar.

Paula Scarpin: Nosso grande mistério é como essa fita foi parar nesse sebo, nesse lugar em que o Daniel encontrou... Você não se lembra se você chegou a mandar pro Jesus ou não.

Annick: Não lembro, mas acho que não, se ela foi parar nesse sebo aqui no Brasil...

Daniel Guerra: No Arouche.

Annick: ... ela estaria na Venezuela.

Daniel Guerra: No Largo do Arouche.

Annick: Nossa, olha só.

Paula Scarpin: A Annick não tem mais contato com Jesus há muito tempo, então nem fazia sentido pra gente também tentar ir atrás dele.

Flora Thomson-DeVeaux: É, porque essa história não é sobre ele. De alguma forma, acho que dá pra dizer que essa história é mais feminista do que a da Beauvoir.

Bárbara Rubira: Pera, mas ainda tá faltando uma parte dessa história. O Bruno tá fazendo um livro a partir do encontro dele com a Alice... e o Daniel tem um projeto de peça, performance com a fita da Annick, né?

Paula Scarpin: Sim.

Bárbara Rubira: Porque, é importante dizer: a Alice quer manter a identidade dela preservada, mas ela topou que o Bruno contasse a história da busca dele por ela num livro. Agora: o projeto do Daniel é muito focado na história da Annick, né?

Paula Scarpin: Justamente.

Flora Thomson-DeVeaux: Annick, uma grande dúvida que a gente tinha era de saber como que você ia sentir de ter, enfim, esse pedaço da sua vida que outras pessoas tinham tido acesso, né, enfim, tantos anos depois. A gente não sabia se você ia sentir que a sua privacidade tinha sido violada... não sei. Que que isso te causa? Que que você sente?

Annick: Eu não tenho muito problema com isso, na verdade. Eu sou uma pessoa que sou... eu sou... tenho certas reservas, mas eu não sou tão misteriosa assim.

Daniel Guerra: Sabe porque quando eu falei com elas, eu escrevi um e-mail, e tal. E quando eu escutei essa fita, eu falei: "Esse é o meu projeto artístico!"

Annick: Ah!

Daniel Guerra: E aí, quando elas me perguntaram: "Que que você acha se Annick falar assim..."— "Primeiro: você já falou com ela?" E eu deixei na gaveta porque eu tava com receio de falar com você...

Annick: Imagina!

Daniel Guerra: ... de procurar, mas elas falaram: "E se ela falar assim: 'Não, eu me sinto invadida'..."

Annick: Tá vendo, não aconteceu isso. Pode ficar tranquilo.

Daniel Guerra: Que bom.

Annick: Nossa, imagina, eu fico honrada! Imagina... É muito legal.

Branca Vianna: É curioso porque a gente – especialmente quem mora em cidade grande, – passa por tanta gente o tempo todo ouve um pedaço de conversa no metrô ou no elevador, repara numa coisa escrita numa camiseta, percebe, pela expressão do rosto que uma pessoa não tá tendo um dia bom...

São tantos estímulos, tantos fragmentos de histórias que a gente abandona – que a gente é obrigado a abandonar por aí, né, pra poder tocar a vida, fazer o que a gente tem que fazer, não se meter na vida dos outros...

E, de repente, um pedacinho de história que a gente cata no vendaval da cidade, uma garrafa que a gente cata – de tantas boiando no mar –, por alguma razão ela dá algum sinal de que ali tem uma história que merece ser contada. E eu acho que é isso que a gente vai continuar fazendo aqui no Rádio Novelo Apresenta.

Obrigada por ter ouvido mais esse episódio.

No post desse episódio no nosso site, tem fotos das garrafas – quer dizer: do livro da Beauvoir que o Bruno comprou no sebo de Petrópolis e da fita cassete que o Daniel encontrou no sebo em São Paulo... e também do encontro do Daniel com a Annick no estúdio.

E se você – como o Bruno ou como o Daniel – tem alguma garrafa pra mandar pra gente, lá no site tem uma seção chamada “envie uma pauta”, onde tem bem explicadinho o passo a passo de como mandar histórias pra cá.

E, passando pelo nosso site, aproveita pra assinar a nossa newsletter, que traz sempre umas dicas bem espertas da nossa equipe – de livros, séries, músicas, tudo, enfim, até receita já pintou por ali.

Você já sabe, mas não custa lembrar que os episódios do Rádio Novelo Apresenta são tão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Segue a gente também no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marca a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Plínio Lopes.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.